periência, fazer crer os indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produzirara apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incomplentos e impotentes .

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa pudemos constatar o quanto a dança pode possibilitar um canal de comunicação entre o indivíduo e sua história, como se relaciona com o mundo por meio das sensações, construindo sua identidade de forma crítica.

Sabemos também que a educação infantil é o primeiro momento que a criança começa a relacionar toda sua história com a sociedade, primeiro pela família e mais tarde pela escola.

É importante a criança desenvolver o máximo sua comunicação para poder expressar de forma mais rica, plena e possível o que sente, o que questiona e o que acredita, para imprimir sua identidade que está em processo de maturação, e a arte, a dança permitem esta construção de comunicação, que transcende as palavras e conceitos. A dança possibilita formas de decodificar sentimentos, por isso é imprescindível que a dança seja trabalhada pelos educadores para explorar e desenvolver esta face da arte em todas as idades e principalmente na Educação Infantil.

Constatamos o quanto é primordial e essencial o desenvolvimento cognitivo e físico da criança que irá compor um todo, que nas próximas zonas de desenvolvimento irão ser os patamares de suas relações sociais e bases para as percepções do mundo. Permitir que a criança desenvolva uma linguagem global e única no mundo, através da dança e suas possibilidades, onde subjaz a linguagem do corpo que está presente desde uma expressão facial até uma coreografia de uma companhia de dança, pois em nenhum dos casos é necessário legendas ou interpretes para a compreensão da expressão em forma de dança.

A dança, apresenta benefícios para o processo de aprendizagem, promove autoestima, estimula a expressão corporal e o trabalho em grupo, agindo como facilitador, além de promover a maior integração dos envolvidos.

Com isso concluímos, através desta pesquisa, que a dança auxilia no desenvolvimento harmônico do físico e do cognitivo da criança. As aulas de movimentos promovem benefícios de forma ampla para as crianças contribuindo com suas aprendizagens futuras.

REFERENCIAS

ANTUNES, C., Novas Maneiras de ensinar – Novas Formas de aprender. Porto Alegre: Artmed,2002

BOFF, L. Casamento entre o Céu e a Terra. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

GALVÃO, I. Henri Wallon uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIAGET, J. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

KUHLMANN JR, M. Infância e Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LABAN, R. Dança educativa moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

LIMA, E.S., Como a criança pequena se desenvolve. São Paulo. Sobradinho, 2001

MARQUES, I. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

MEUR, A. de, L. STAES, L. Psicomotricidade; Educação e Re-educação: Níveis Maternal e Infantil. São Paulo: Manole, 1989.

NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Prodil, 1994.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil São Paulo: SME / DOT, 2007.

STOKOE, P. e HARF, R. Expressão corporal na pré escola. São Paulo: Summus. 1987.

TAILLE, Y; OLIVEIRA, M; DANTAS, H. Piaget. Vygotsky. Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. 13. Ed. São Paulo: Summus, 1992.

TAVARES, I. M. Educação, corpo e arte. Curitiba: IESDE, 2005.

VIANNA, K. A dança. São Paulo: Siciliano, 1990.

WALLON, Henry, Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Estampa, 1975.

_____Do acto ao pensamento. Lisboa: Moraes, 1979

O LÚDICO NO ESPAÇO ESCOLAR

MARISABEL AOYAMA TORQUATO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo expor um breve histórico da ludoterapia, analisando seu início histórico a partir da psicanalista austríaca Dra. Melaine Klein na década de 1920 até os dias atuais. Por meio desse resgate histórico faremos também uma breve elucidação ao tema, salientando, a importância do brincar e da brincadeira como a voz da criança no processo terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Lúdico; Criança; História; Brincar; Brincadeiras

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo realizar um breve histórico da ludoterapia, bem como alguns conceitos relacionados à sua aplicação. Dessa maneira, buscamos suas origens no início do século XX.

Temos como referência nos trabalhos com terapia infantil a obra da psicanalista Dra. Melaine Klein.

Melaine Klein é formada na escola freudiana, desenvolveu uma terapia voltada para crianças que muitas vezes eram desprovidas de habilidades de exprimir seus sentimentos ou até mesmo a realidade sob a qual estavam submetidas.

Com isso desenvolveu técnicas que permitiam às crianças expressarem sentimentos e experiências que vivenciavam.

Após as pesquisas a teoria kleiniana constatou que por meios de brincadeiras as crianças mais facilmente se expressavam nas sessões de terapia.

Como instrumento facilitador no processo de construção na terapia com as crianças tem os jogos. Eles devem ser construídos entre paciente e terapeuta para ter mais sucesso.

Melaine Klein desenvolveu outra técnica para ser utilizada também, é a aplicação do psicodrama, essa técnica propicia resultados esperados no processo de terapia com crianças. De acordo com essa forma de agir, o terapeuta propõe um teatro ou monólogo em que a criança, por meio da imaginação recria a situação ou o sentimento que a aflige.

Na execução da terapia da criança a contação de histórias também pode auxiliar, visto que ela pode construir as histórias junto com o terapeuta e dessa maneira, por meio da imaginação, expressar seus sentimentos ou a causa de seus problemas.

A ciência da ludoterapia teve início com Melaine Klein e aprofundou seus estudos na década de 1930 fazendo muitas experiências com seus pacientes, utilizando seus brinquedos, fazendo com que suas bonecas tornassem personagens para assim descobrir o que se passava com elas.

Após isso no decorrer da história até os dias atuais os ludoterapeutas utilizam de técnicas similares para tratarem pequenos pacientes, uma vez que são inerentes a uma etapa da vida em que não conseguem verbalizar seus problemas ou expressar seus sentimentos.

DESENVOLVIMENTO

Origens e definição da ludoterapia

1- As origens da Ludoterapia

Com esse artigo pretende se resgatar a história da ludoterapia. Essa linha psicanalítica nasceu em 1932, quando Melanie Klein publicou seu livro “Psicanálise de Crianças”. Essa obra até hoje é a base para trabalhos em psicanálise infantil.

Uma das maiores psicanalistas da história foi Melanie Klein. Seguidora de Sigmund Freud, com genialidade e amor à verdade erigiu uma escola com pensamentos próprios e distintos. Como disse uma amiga, quando Klein em 1935 insistia que era uma freudiana: “agora já é tarde - você é uma Kleiniana”. Suas teorias se deram por trabalhos com crianças, o que possibilitou a investigação psicanalítica dos primeiros meses de vida, abrindo as portas para o tratamento de pacientes psicóticos.

A teoria Kleiniana e fundamentada em três os pilares. Primeiramente, existe um mundo interno, formado a partir das percepções do mundo externo, colorido com as ansiedades do mundo interno. Com isso, os objetos, pessoas e situações adquirem um colorido todo especial. O seio materno, primeiro objeto de relação da criança com o mundo externo, tanto é percebido como bom quando amamenta, daí o nome de “seio bom”, quanto é percebido como “seio mau”, quando não alimenta na hora em que a criança assim deseja. Como é impossível satisfazer a todos os desejos da criança, invariavelmente ela possui os dois registros desse seio, um bom e um mau. Esse conceito também é muito importante no estudo da formação de símbolos e desenvolvimento intelectual.

Após essa primeira etapa, os bebês sentem, logo quando nascem, dois sentimentos básicos: amor e ódio. É como se a vida fosse um filme em branco e preto, ou se ama, ou se odeia. É fácil, portanto, perceber que a criança ama o “seio bom” e odeia o “seio mau”. O problema é que na fantasia da criança, o “seio mau”, esse objeto interno, vai se vingar dela pelo ódio e destrutividade direcionados a ele. Esse medo de vingança é chamado de ansiedade persecutória. Quando nos defrontamos diante de um perigo, como por exemplo, caminhando em um parque, nos defrontamos com uma cobra, temos o instinto de fugir. Essa reação diante do perigo é chamada em psicanálise de defesa. O conjunto de ansiedade persecutória e suas respectivas defesas são chamados por Klein de “posição esquizoparanóide”.

Com o desenvolvimento, o bebê percebe que o mesmo objeto que odeia (seio mau) é o que ama (seio bom). Ele percebe que ambos os registros fazem parte de uma mesma pessoa. Agora o bebê teme perder o seio bom, pois teme que seus ataques de

ódio e voracidade o tenham danificado ou matado. Esse temor da perda do objeto bom é chamado por Klein de “ansiedade depressiva”. O conjunto de ansiedade depressiva e suas respectivas defesas é chamado por Klein de “posição depressiva”.
Na escola kleiniana o conceito de posições é muito importante, pois o psiquismo funciona a partir delas, e todos os demais desenvolvimentos são invariavelmente baseados em seu funcionamento. Nesse sentido, o desenvolvimento em fases, proposto por Sigmund Freud (fase oral, anal e genital), é aqui substituído por um elemento mais dinâmico que estático, pois as três fases estão presentes no bebê desde os três primeiros meses de vida. Klein não nega essa divisão, muito pelo contrário, mas dá a elas uma dinâmica até então não vista em psicanálise.

Na década de 20 ao iniciar seu trabalho, Melanie Klein desenvolveu um novo instrumento de trabalho: ¨a técnica do brincar¨. Por meio dessa técnica foi possível alcançar as fixações e experiências mais profundamente recalcadas da criança e exercer uma influência importante em seu desenvolvimento.

O brincar tomou forma e sentido na psicanálise infantil e passou a ser visto e trabalhado como técnica infantil, chamada de ludoterapia. Para a psicanálise infantil a palavra e o brincar da criança devem ser resgatados em toda sua autenticidade. Essa abordagem vai além da concepção cronológica e, visa a revelar o que há de específico na infância.

A Ludoterapia é uma técnica psicoterápica utilizada no tratamento dos distúrbios de conduta infantis e baseia-se no fato de que o brincar é um meio natural de auto expressão da criança, podendo ser utilizada de forma individual ou coletiva.

Melanie Klein tratou o brincar como equivalente a expressões verbais, isto é, como expressão simbólica de seus conflitos inconscientes, já que não se pode exigir que uma criança faça associações livres,

Dessa maneira, a Psicoterapia Infantil ajudaria a criança a resolver fixações e a elaborar situações traumáticas do seu desenvolvimento.

A análise por meio do brincar expõe que o simbolismo possibilita à criança transferir não apenas interesses, mas também fantasias, ansiedades e culpa a outros objetos além de pessoas, ou seja, a criança extravasa sua emoção com as brincadeiras. Podemos assim pensar que o uso da criatividade mediante o brincar seria um viés sublimatório; forma encontrada pela criança de colocar suas pulsões à mostra, expostas via objetos socialmente valorizados ou não.

Ela constatou que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias. Essas brincadeiras possibilitam conhecer os significados latentes e estabelecer correlações com situações experimentadas ou imaginadas por elas, fornecendo a cada uma delas a possibilidade de elaborar tais situações.

A análise infantil é fundada no princípio da catarse, uma vez que tenta explorar o mundo de sentimentos e impulsos inconscientes como origem efetiva de todas as ações e reações observadas nos pequenos pacientes.

Mesmo a livre associação sendo uma técnica aplicável na psicoterapia infantil, nem sempre é possível fazer com que a criança fale. Em razão disso, o analista deve fazer uso de jogos, brincadeiras, desenhos e análise de sonhos.

A técnica que faz uso desse tipo de recursos teve o nome Ludoterapia. Essa terapia surgiu a partir de estudos de Ana Freud e Melaine Klein, que analisavam as relações infantis e o processo de transferência de informações, visando o tratamento psicológico.

A partir do método clínico de Klein e seus seguidores, que acentuava a importância do trabalho exaustivo de interpretação em análise de crianças, visando à decodificação do significado da brincadeira desenvolvida na sessão analítica, encontramos modelos teóricos que ampliam ou alteram essas concepções originais.

Através deste método é possível ao terapeuta obter acesso às fixações e experiências mais profundamente arraigadas no inconsciente da criança, o que lhe possibilitará exercer uma influência radical em seu desenvolvimento.

Em casos de crianças vítimas da violência, os objetos são providenciados especialmente com essa finalidade e ajudam a analisar a violência sofrida pela criança e descobrir o agressor é um trabalho que pode ser desenvolvido com crianças a partir de dois anos de idade, visto que a partir desta idade já conseguem expor os fatos por meio das brincadeiras.
O terapeuta pode fazer o uso do psicodrama (que envolve essencialmente a brincadeira do faz-de-conta, embora se utilize de todo tipo de brincadeira), transformando o brincar da criança em tratamento.

Dentre as técnicas mais utilizadas estão o teatro espontâneo (desempenho de papéis sem texto previamente definido), o monólogo (pensar alto enquanto desempenha um papel), o duplo (atribuir fala a outro personagem), entre outras.

O psicodrama auxilia as crianças na superação de obstáculos a seu desenvolvimento emocional, através daquilo que ninguém lhes pode tirar – sua imaginação.

De fato, por trás de toda agressão física há sempre um abuso psicológico, que inibe a denúncia. Com a ludoterapia, a vítima é induzida a falar brincando, esquecendo-se das ameaças que normalmente sofre e isso é muito bom para o profissional e para a própria criança – alegam os especialistas.

É considerado que somente a presença mental de alguém mais que brinque com a criança que permite que o jogo seja plenamente transformador de angústias.

Por meio do "brincar" a criança tem a possibilidade de vencer medos, angústias, traumas e tudo aquilo que atinge sua sensibilidade. Porém, para se fazer psicoterapia, é necessário que o brincar seja espontâneo.

A brincadeira reflete a forma de pensar e sentir da criança, onde ela demonstra sua história vivida, favorece:

O desenvolvimento intelectual; O equilíbrio emocional;
A comunicação; A criatividade;
A independência.

2- Definição de ludoterapia

A Ludoterapia é a psicoterapia adaptada para o tratamento infantil, por meio do qual a criança, brincando, projeta seu eu. O objetivo dessa modalidade de análise é facilitar à criança, através da brincadeira, expressar com maior facilidade os seus conflitos e dificuldades, ajudando-a em sua solução para problemas de integração e adaptação social, tanto no âmbito familiar, como da sociedade em geral. O terapeuta observa e interpreta suas projeções para compreender o mundo interno e a dinâmica da personalidade da criança.

Para isso, buscam-se instrumentos que possam facilitar as projeções, uma vez que, quanto menor a criança, mais difícil é para ela verbalizar adequadamente seus conflitos. Pode ser brincar de casinha, criação e prática de estórias e contos de fadas, jogo do rabisco, desenho, pintura, modelagem, dentre várias outras atividades. Através do faz-de-conta, a criança traz para perto de si uma situação vivida, adaptando-a à sua realidade e necessidades emocionais. Percebemos então a importância das brincadeiras na casinha e na garagem, como os "pais e as mães", o "médico", o "supermercado", "a oficina", entre tantas outras.

Ao brincar a criança tem consciência de que está se expondo, porque ali ela atua representando as situações que a afligem. Como colocar toda a sua energia, atenção e emoção na brincadeira, ela intui que está como que "transparente" ao olhar do outro. Brincar é uma forma de linguagem tão clara para a criança que ela pensa ser compreensível também para os outros. Por essa razão que às vezes, ao terminar uma sessão, ela pede ao terapeuta que não mostre sua produção aos pais. Pode ser, por exemplo, um desenho que ela fez de sua família, em que seu pai está afastado no canto da página e em tamanho menor.

A sua obra pode estar denunciando dificuldades de relacionamentos na dinâmica familiar, das quais ela não se sente autorizada a abordar e com as quais não sabe tampouco lidar. Desse modo, não pode expressá-las e pede a cumplicidade do terapeuta para mantê-las em segredo. Outro exemplo: Ao brincar com os bonequinhos, a criança cria uma família em que os pais brigam muito ou batem nos filhos. Ela não está contando uma estória adequadamente articulada através da fala, como faria um adulto, mas reproduz uma cena possivelmente bastante conhecida sua. Cabe ao terapeuta investigar a origem dos conflitos, averiguando se trata de identificação com personagens de outras estórias, como filmes vistos na TV ou lidos em estórias em quadrinhos, ou se retrata a sua própria vida.

É necessária que exista na clínica de ludoterapia uma sala de brinquedos. Na sala dos brinquedos, eles são utilizados como palavras e o brincar é a linguagem da criança. Percebemos a importância do brincar para a criança, não só pela sua utilização num contexto terapêutico, mas também pela importância da brincadeira em todas as dimensões da vida da criança. Mas em que consiste, de fato, o brincar? Uma ideia difundida popularmente limita o ato de brincar a um simples passatempo, sem funções mais importantes que entreter uma criança com atividades divertidas. Sabe-se atualmente que esta ideia está completamente errada.

Brincar é realmente uma forma de atividade com-

plexa, que envolve a criança física, mental, social e emocionalmente, revelando os seus sentimentos, experiências e reações a essas mesmas experiências (desejos, receios, percepção de si própria, entre outros). Por meio do brincar, a criança conhece o mundo, e com ele, conhece as pessoas, as relações e regras sociais; pode imitar o adulto, expressando conflitos. Ao brincar são transmitidos conhecimentos educacionais e estes são igualmente um indicativo do desenvolvimento da criança: as brincadeiras de uma criança podem significar alguma dificuldade ou desenvolvimento tardio em determinado aspecto, visível aos pais e outros adultos que contatam diariamente com a criança. O brincar está muito presente no dia-a-dia duma educadora de infância. É o instrumento principal pelo qual as crianças aprendem coisas novas e crescem a cada dia, em todos os níveis: cognitivo, emocional, linguístico, social e motor. É imprescindível haver este espaço para que as crianças se possam desenvolver.

O brincar além de ser fonte de lazer é simultaneamente fonte de conhecimento. É esta dupla natureza que nos leva a considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa, sobretudo no pré-escolar. Infelizmente, a brincadeira começa a ganhar cada vez menos importância, à medida que as crianças crescem, começando a haver cada vez mais exigências a nível intelectual. No dia-a-dia da sala de creche, o brincar, para além de possibilitar o exercício daquilo que é próprio no processo de desenvolvimento e aprendizagem, possibilita situações em que a criança constitui significados, sendo uma forma de assimilação dos papéis sociais e de compreensão das relações afetivas que ocorrem no seu meio, assim como para a construção do conhecimento.

Em grande parte, as crianças aderem facilmente à ludoterapia e adquirem, em relação ao terapeuta, confiança suficiente para se expor brincando livremente. Outras, porém, e por várias possíveis motivações internas, esquivam-se das atividades projetivas preferindo brinquedos cujo grau de exposição é muito menor, como os jogos, por exemplo, em que as regras e o comportamento são previamente determinados, reduzindo bastante o grau de sua exposição. Nessa situação, fica mais difícil uma intervenção interpretativa de finalidade diagnóstica porque, sem o recurso da atividade projetiva e sem a verbalização do conflito, as sessões correm o risco de se tornar apenas uma hora de brincadeiras o que, não sendo ruim – ao contrário, muito se elabora durante a hora lúdica – pode também não ser suficientemente eficaz no sentido de ajudar a criança a lidar com a dificuldade que a trouxe até ali.

Nesses casos, é necessário que novos recursos sejam introduzidos, no sentido de facilitar o acesso do terapeuta à problemática central do paciente. Para isso é fundamental que, primeiramente, seja construído um vínculo terapêutico adequado e que o profissional tenha flexibilidade para seguir novos caminhos de acordo com o gosto, necessidades e recursos da criança. Dessa maneira, a criatividade de ambos poderá ditar qual a atividade mais fácil e prazerosamente pode trazer o problema à tona e ser acessado sem grandes barreiras defensivas.

O importante na terapia é que o contato com a emoção aconteça. O processo de elaboração ocorre à medida que o analisando compartilhe sua dor, anseios e experiências traumáticas de uma maneira mais livre de crítica e mesmo de autocensura.
A atuação do terapeuta nesse tipo de trabalho é bastante ativa, mais do que seria numa ludoterapia tradicional. Aqui ele não pode ser apenas um observador, precisa facilitar a viabilização do projeto, seja oferecendo ideias no início (para que a exequibilidade do trabalho a ser feito seja perceptível para a criança), seja operacionalizando algumas fases da criação.

A Ludoterapia oferece principalmente a crianças na faixa de três a onze anos de idade aproximadamente, e pode ser aplicada individualmente ou em grupo, dependendo da abordagem adotada e do problema a ser tratado. Os motivos que levam os pais a buscarem a terapia para seus filhos são bastante diversos, predominando dificuldades de aprendizagem e distúrbios comportamentais, especialmente agressividade e comportamento antissocial, ocorrendo igualmente em ambos os sexos.

A Ludoterapia é indicada por pediatras e pela escola e vem aumentando cada vez mais nos últimos tempos. A procura ocorre predominantemente entre famílias de classes média e alta. No entanto, dada a sua importância no tratamento e ao alto índice de detecção de problemas em crianças na idade escolar, cresce também o número de centros de serviços gratuitos para atendimento à população carente.
O tratamento se dá por meio de sessões de cinquenta minutos cada e as crianças geralmente gostam bastante, visto que na sala de Ludoterapia não lhes são solicitadas atividades desagradáveis ou entediantes. Ali elas podem falar e/ou brincar sendo, esta última, a forma mais apreciada e através da qual cada criança se expressa de forma simbólica. As representações variam em função do tipo do quadro clínico que a criança apresenta, muito embora as atividades lúdicas sejam parecidas, independentemente do sexo da criança e de sua sintomatologia, que inclui também aquelas portadoras

de déficits neurológicos e cognitivos. O que difere é o grau da elaboração das representações. Por exemplo, uma criança com motricidade fina abaixo da média, apresentará um produto empobrecido em termos gráficos, o que não a impedirá de elaborar seus conflitos de maneira satisfatória. No entanto, são as questões emocionais o fator responsável pela maior parte dos distúrbios que chegam ao consultório.
No decorrer das sessões, o terapeuta pode utilizar-se tanto de técnicas diretivas como não-diretivas e isso vai depender principalmente da abordagem por ele adotada. Através da postura diretiva, o terapeuta orienta a criança a desenvolver atividades nas quais ele crê ser mais facilitado a expressão de um determinado tipo de conflito. De acordo com a postura não-diretiva, o terapeuta posiciona-se mais pontualmente apenas quando a criança considera ser importante para o andamento do tratamento.

Nesse sentido, ele permite que a criança se autodirija praticamente o tempo todo, sentindo-se livre para realizar a atividade que preferir e expressar-se do modo que lhe for mais conveniente, consciente de que não será criticada por nada que se refira ao seu modo de ser. Limita-se a pontuar possíveis aspectos importantes ao detectá-los no seu comportamento, porém sem forçá-la ostensivamente. Um clima de respeitosa cordialidade é obtido, geralmente sem dificuldades. Para isso, na primeira sessão do processo, estabelece que naquele espaço estejam sempre presentes três regras que deverá ser obedecido o tempo todo: 1 a.) É proibido machucar-se de propósito; 2 a.) É proibido quebrar qualquer coisa de propósito; e 3 a.) É proibido machucar o profissional de propósito. As crianças costumam achar bastante justa essa combinação e, às vezes, perguntam se elas valem também para o terapeuta. Elas se sentem satisfeitas por saberem que, exceto essas três condições, tudo o mais é permitido, razão porque aquele espaço passa a ser sinônimo de liberdade de expressão.

No processo terapêutico as crianças, tendem a manifestar bastante afetividade com relação ao terapeuta, o que facilita muito todo o trabalho. Esse, porém, deve corresponder com reserva, pois seu papel será sempre acolhê-las tendo em mente levá-las em busca da sua independência e autonomia, o que é feito gradativamente. Assim, o vínculo afetivo mais forte vai se desfazendo de forma lenta e natural, preparando a criança para receber alta do processo terapêutico sem sentir-se abandonada, rejeitada ou privada de um lugar que lhe fazia sentir-se muito bem. Quando essa transição é feita adequadamente – o que não ocorre, infelizmente, quando os pais decidem interromper o processo abruptamente – pode acontecer também que a própria criança, por sentir-se mais independente e livre do problema que a levou até ali, decida espontaneamente finalizar a terapia.
É fundamental a participação dos pais para o sucesso do tratamento, porque eles estão, invariavelmente, ligados ao quadro apresentado pela criança. Não se trata de culpá-los pelo problema. A criança é, em geral, uma espécie de reflexo da dinâmica familiar. Daí a importância do envolvimento dos pais no tratamento, para que se possa tratar a criança, orientando-os e recebendo deles o feedback necessário ao acompanhamento do caso. Porém, nem sempre a receptividade dos pais é favorável. Para alguns, é muito difícil lidar com a constatação de que é necessário fazer mudanças porque sua atitude em relação à criança, embora bem- intencionada, vem sendo geradora de conflitos. No entanto, há muitos casos que são gratificantes, nos quais os pais apresentam-se cooperativos e envolvem-se inteiramente com o tratamento.

A recuperação dos sintomas ou mesmo a supressão do quadro inicial é detectada por meio da evolução das representações da criança. Muda sua maneira de abordar o tema central numa mesma brincadeira, assim como evoluem também o teor de seus desenhos e/ou o seu comportamento em geral.

Com valorização da produção, a criança vai ganhando autoconfiança e maior desenvoltura com o tema vai internalizando as intervenções feitas e se apropriando dos insights que surgem, num clima de criatividade e entusiasmo pela atividade que desenvolve.

O profissional também busca informações na escola e na família com a finalidade de certificar-se de que os ganhos em terapia estão sendo generalizados para o universo de relações da criança.

Em alguns momentos os pais queixam-se de que a criança “piorou” relatando que ela, que antes era dócil e pacata, tornou-se briguenta e rebelde. Dependendo do caso, o profissional pode interpretar esse comportamento como ganho real para aquela criança em particular, visto que começou a sentir coragem para expressar seus sentimentos de desagrado, caso fosse incapaz de fazê-lo anteriormente. Cabe ao terapeuta interpretar cuidadosamente esses dados para identificar se indicam realmente uma melhora da criança ou não, atuando apropriadamente a partir dessa avaliação e do relato dos pais.

A duração do tratamento é variável, podendo ocorrer nas primeiras seis semanas, nos casos

mais simples e agudos, ou estender-se por um ou mais anos, quando tratar-se de dificuldades estruturais ou mais complexas.

A criança não pode ser forçada a fazer associações livres, assim, Melanie Klein tratou o brincar como o equivalente de expressões verbais, isto é, como expressão simbólica de seus conflitos inconscientes.

Dessa maneira, a Psicoterapia Infantil ajuda a criança a resolver fixações e a elaborar situações traumáticas do seu desenvolvimento.

A análise por meio do brincar mostra que o simbolismo possibilita à criança transferir não apenas interesses, mas também fantasias, ansiedades e culpa a outros objetos além de pessoas, ou seja, muito alívio é possibilitado através do brincar.

Melanie Klein observou que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias e, que estas brincadeiras possibilitam conhecer os significados latentes e estabelecer correlações com situações experimentadas ou imaginadas por elas, fornecendo à cada uma delas a possibilidade de elaborar tais situações.

As brincadeiras iniciam com o bebê no momento que ele explora seu próprio corpo, quando rola, engatinha, tira e põe, vezes sem conta, objetos uns dentro dos outros, numa cadência rítmica, que alterna movimentos opostos, como os de abaixar e levantar, puxar e empurrar, abrir e fechar, esconder e achar, que dão condição à passagem da vida ainda muito próxima dos instintos alicerçada nos reflexos, ao lento, gradual e batalhado ingresso no universo humano propriamente dito, o simbólico.

Em relação às questões de desenvolvimento tais técnicas são úteis porque entram no inconsciente das crianças sem traumas somente mediante as brincadeiras e contação de histórias. Nesse sentido, elas ficam mais acessíveis.
Não só educadores e outros profissionais que trabalham com crianças, mas também os pais ajudariam bastante os seus filhos ao serem esclarecidos e orientados sobre a necessidade de brincar com as crianças. Como educadores de infância, é importante contribuirmos para esta mudança, alertando os pais e os outros profissionais sobre estas questões, começando a construir um caminho para que, cada vez mais, as crianças possam ser protagonistas da construção do seu eu.

No entanto, a brincadeira constitui as palavras da criança que não possuem ainda os recursos cognitivos necessários para verbalizarem seus sentimentos e o que ocorre no âmago do seu inconsciente.

O desenvolvimento da capacidade de subjetivar os acontecimentos de sua vida, muito menos aquilo que as deixa traumatizada.

Dessa maneira, a imaginação usada nas brincadeiras ou estórias contadas nas outras técnicas da ludoterapia é importante para que as crianças construam seus tratamentos terapêuticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo a ludoterapia foi apresentada como um instrumento de intervenções psicopedagógicas. Por meio das pesquisas buscou se informações, apontando seu surgimento e teorias que sustentam tais procedimentos e fatores relevantes para a aplicação, visto que a ludoterapia é um instrumento importante para o desenvolvimento infantil. Dessa maneira, auxilia no processo de aprendizagem, visto que os jogos e brincadeiras abrem espaço para a criança expressar suas ideias e socializar com as demais crianças.

Com esse artigo, buscou-se criar uma reflexão quanto à importância do brincar para o desenvolvimento da criança. A ludoterapia é um recurso importante na intervenção frente às dificuldades de aprendizagem.

Concluindo, percebe se a importância e a eficácia da utilização da ludoterapia e suas possibilidades para o desenvolvimento da criança por meio do brincar.

O LÚDICO NO ESPAÇO ESCOLAR ABSTRACT

The aim of this article is to present a brief background of play therapy, analyzing its initial history starting with the Austrian psychoanalyst Dr. Melaine Klein in the 1920’s until the present days. Through this historical review we will make a brief clarification of the theme, highlighting the importance of playing and games with the children’s voice in the therapeutic process.

KEYWORDS: Play Therapy; Child; Background; Playing; Games.

REFERÊNCIAS

ABERATURY, Arminda. A criança e seus jogos. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. AXLINE, Virginia. Ludoterapia. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.